

A PRODUÇÃO DO CONHECIMENTO NAS CIÊNCIAS HUMANAS

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

Solange Aparecida de Souza Monteiro
(Organizadora)

A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas

Atena Editora
2019

2019 by Atena Editora

Copyright © da Atena Editora

Editora Chefe: Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Diagramação e Edição de Arte: Natália Sandrini e Lorena Prestes

Revisão: Os autores

Conselho Editorial

- Prof. Dr. Alan Mario Zuffo – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Álvaro Augusto de Borba Barreto – Universidade Federal de Pelotas
Prof. Dr. Antonio Carlos Frasson – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Antonio Isidro-Filho – Universidade de Brasília
Profª Drª Cristina Gaio – Universidade de Lisboa
Prof. Dr. Constantino Ribeiro de Oliveira Junior – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Daiane Garabeli Trojan – Universidade Norte do Paraná
Prof. Dr. Darllan Collins da Cunha e Silva – Universidade Estadual Paulista
Profª Drª Deusilene Souza Vieira Dall’Acqua – Universidade Federal de Rondônia
Prof. Dr. Eloi Rufato Junior – Universidade Tecnológica Federal do Paraná
Prof. Dr. Fábio Steiner – Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul
Prof. Dr. Gianfábio Pimentel Franco – Universidade Federal de Santa Maria
Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná
Profª Drª Girlene Santos de Souza – Universidade Federal do Recôncavo da Bahia
Profª Drª Ivone Goulart Lopes – Istituto Internazionele delle Figlie de Maria Ausiliatrice
Profª Drª Juliane Sant’Ana Bento – Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Prof. Dr. Julio Candido de Meirelles Junior – Universidade Federal Fluminense
Prof. Dr. Jorge González Aguilera – Universidade Federal de Mato Grosso do Sul
Profª Drª Lina Maria Gonçalves – Universidade Federal do Tocantins
Profª Drª Natiéli Piovesan – Instituto Federal do Rio Grande do Norte
Profª Drª Paola Andressa Scortegagna – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Profª Drª Raissa Rachel Salustriano da Silva Matos – Universidade Federal do Maranhão
Prof. Dr. Ronilson Freitas de Souza – Universidade do Estado do Pará
Prof. Dr. Takeshy Tachizawa – Faculdade de Campo Limpo Paulista
Prof. Dr. Urandi João Rodrigues Junior – Universidade Federal do Oeste do Pará
Prof. Dr. Valdemar Antonio Paffaro Junior – Universidade Federal de Alfenas
Profª Drª Vanessa Bordin Viera – Universidade Federal de Campina Grande
Profª Drª Vanessa Lima Gonçalves – Universidade Estadual de Ponta Grossa
Prof. Dr. Willian Douglas Guilherme – Universidade Federal do Tocantins

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) (eDOC BRASIL, Belo Horizonte/MG)

P964 A produção do conhecimento nas ciências humanas [recurso eletrônico] / Organizadora Solange Aparecida de Souza Monteiro. – Ponta Grossa (PR): Atena Editora, 2019. – (A Produção do Conhecimento nas Ciências Humanas; v. 1)

Formato: PDF

Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader.

Modo de acesso: World Wide Web.

Inclui bibliografia

ISBN 978-85-7247-276-0

DOI 10.22533/at.ed.760192404

1. Antropologia. 2. Ciências humanas – Pesquisa – Brasil.
3. Pesquisa social. I. Monteiro, Solange Aparecida de Souza. II. Série.

CDD 301

Elaborado por Maurício Amormino Júnior – CRB6/2422

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores.

2019

Permitido o download da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

www.atenaeditora.com.br

APRESENTAÇÃO

Chega mais perto e contempla as palavras.

Cada uma

Tem mil faces secretas sobre a face neutra

E te pergunta, sem interesse pela resposta,

Pobre ou terrível, que lhe deres:

Trouxeste a chave?

Drummond

O livro faz parte da publicação de três volumes reuni trabalhos e pesquisas realizadas por acadêmicos de universidades realizadas na diversas Regiões do Brasil. O rigor metodológico e científico presentes na elaboração do livro revela a seriedade e a profundidade com que os temas foram tratados, por isso, trata-se de uma leitura necessária e obrigatória para quem pretende fazer ciência no Brasil. Faço deslizar lentamente os meus olhos pela linha de palavras que compõem o tema deste livro, sendo o meu primeiro desafio: qual face dessas palavras, entre as mil que possam ter, escolherei para tecer o fio que me permitirá entrar e sair do labirinto deste texto, de saída, que o discurso daquele que analisa não pode ter a aspiração de ser o avesso de discursos outros (do filósofo, do educador, da histeria, do mestre na intenção de passar-lhes a purificado.

Gostaria de me deixar levar pelos pensamentos que me arrebatam no processo que ora início de me haver com a provocativa questão: afinal, qual a importância dos conhecimentos produzidos por nós mesmos na área das chamadas Ciências Humanas?

Contudo, sinto-o agora, o começo de qualquer discurso, como reconheceu Foucault, é angustiante. Ele, que tratou com seriedade e rigor o tema, sentiu o forte o peso que lhe conferia a linguagem em sua aula inaugural no Collège de France. Em sua fragilidade humana confessou:

Ao invés de tomar a palavra, gostaria de ser envolvido por ela e levado bem além de todo o começo possível.(...) (p.5)

Escrever é como falar, uma captação de palavras; encontrar aquelas apropriadas para dar forma ao pensamento promove a obstinação de um arqueólogo. Percebo que a língua é uma matéria prima indócil. Em primeiro lugar, porque quem escreve luta com palavras, como escreveu Drummond (*O lutador*). Em segundo, porque força o autor no confronto com a própria solidão, com a lacuna de “algo que pudesse ter estado sempre aí” e pudesse, simplesmente, deixar-se (con) fundir.

Isso me faz refletir sobre a produção de conhecimento, quase sempre nos referimos à construção de saberes apontados sob a forma escrita. Nos meios acadêmicos essa é, ao mesmo tempo, uma exigência das agências de fomento e uma forma de controle institucional de produção. Somos impelidos a escrever e a estar cada vez mais em

solidão. O risco que corremos: terminarmos por nos afastar do mundo e dos papéis que, nas ruas, nas esquinas, em nossas casas e classes tornam a vida um movimento coletivo de fazer, desfazer e compreender o cotidiano. Meio da cultura viva, que pulsa, lateja, vibra e produz conhecimentos.

Alguns poderiam ajustar que quem fala não escolarizado compartilha e participa da produção do que se indica, carente, despectivo, desdenhativo de “senso comum”. Outros rebateriam, considerando que todo saber produzido coletivamente, nos esforços diários que fazem as pessoas para entenderem a vida, é uma configuração legítima e considerada e qualificada de conhecimento. Alguém, por seu turno, poderia se acelerar em responder: “Mas o que o povo produz são compreensões leigas e estamos, aqui, falando de sistemas de verdades produzidas pelas ciências humanas, produzidos não nas ruas, mas em centros de pesquisas e universidades.” Temos, nesse “esclarecimento”, o desvelamento da divisão bem conhecida entre saber acadêmico e saber popular.

O risco do banimento da vida vivida pelos personagens que, incongruente, pretendemos pesquisar, se torna fato abalizado pelas fronteiras geográficas e fixas que criamos para constituir aqueles mesmos centros e universidades. O medo, prenuncio e ameaça, de sofrermos agressões por esse mundo que nos parece exterior, nos fazem idealizar, planejar e criar novas estratégias de confinamento espacial e sendo assim colocamos cercas em todo o espaço que acolhe as construções em que trabalhamos.

“Um acontecimento vivido é finito, ou pelo menos encerrado na esfera do vivido, ao passo que o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois.”

Walter Benjamin

Ficamos nós como salvos para estarmos sempre às bordas com nossa produção escrita e com a tarefa de calcular cada novo texto, assim que concluído, nas diversas formas de registro, para, logo em seguida, recomeçarmos o mesmo ciclo. Vemo-nos absorvidos por uma rede de protocolos que consome tempo e nos rouba a vida partilhada com nossos próprios. Se isto só não fosse suficiente, por sermos avaliados pelo que produzimos, nos tornamos “pessoas-produtos”. O próprio jogo institucional nos classifica em pesquisadores melhores e piores, medianos e brilhantes, nos distribui em níveis hierárquicos sob siglas bem definidas pelas agências de fomento. Passamos a no olhar com a discriminação que tais classificações acabam por nos conceber. Separamo-nos assim, vaidosamente, uns dos outros, como se estivéssemos submergidos num encastelamento.

Ainda que o racismo seja uma planta daninha, nociva e abjeta, cuja existência incriminamos, repudiamos e cuja natureza analisamos em nossos textos bem-comportados e politicamente corretos, acabamos por reproduzi-lo em nossas vidas vividas. Emancipamos dele em nossas vidas escritas; estas, codificadas em livros e artigos, que ficam disponibilizados nas universidades e nos meios digitais. Tentamos

sair intatos em nossa consciência, justificando que, afinal, critérios objetivos nos dividem, mas esquecemos que eles, os critérios, atendem a interesses políticos e ideológicos que amparam, nesse período histórico, “isso” que chamamos *de estado democrático de direito*.

Difícil pensar em uma escola *para os outros e para todos*, ou seja, em uma escola inclusiva, quando nós mesmos nos isolamos em circunscritos grupos de relações, tornando-os abalizados, e muitas vezes, intransmissível entre si.

Eis uma questão me assenta em desalento. Vou expô-la aqui: o que, afinal, estamos fazendo com o cuidado de si, a partir do conhecimento que produzimos para outras pessoas? Ou, como nos provoca Foucault (1998)

de que valeria a obstinação do saber se ele assegurasse apenas a aquisição dos conhecimentos e não, de certa maneira, e tanto quanto possível, o descaminho daquele que conhece? (p.13)

O retorno transformador do conhecimento para aquele que conhece deve ser uma prática de bastidores e individual, ou seja, deve estar apartado do processo de produção do conhecimento enquanto tal. Esse pensamento, Foucaultiano (1998) responde:

Mas o que é filosofar hoje em dia – quero dizer, a atividade filosófica – senão o trabalho crítico do pensamento sobre o próprio pensamento? (...) O “ensaio” (...) é o corpo vivo da filosofia, se, pelo menos, ela for ainda hoje o que era outrora, ou seja, uma “ascese”, um exercício de si, no pensamento. (idem, p. 13).

Foucault nos acena a filosofar como um exercício de (re) escrita de si, por meio *de práticas reflexivas e voluntárias através das quais os homens não somente se fixam formas de conduta, como também procuram se transformar, modificar-se em seu ser singular e fazer de sua vida uma obra que seja portadora de certos valores estéticos e responda a certos critérios de estilo*.

A importância das Ciências Humanas na produção de conhecimento, no entanto, não para a Educação, mas para nós mesmos, que habitamos os espaços onde, institucionalmente, conferimos materialidade às Faculdades de Educação. Todavia, já avanço: coloquei-me como membro, escrevo como parte dela. Faço parte do jogo que pretendi desnudar.

Perseguindo ainda a ideia de que nossa produção, às vezes, se torna uma compulsão que não nos permite ter tempo de deleitar-se o que produzimos, tento pensar como, usualmente, saímos desse impasse.

Creio que, às vezes, nos iludimos pensando que, quanto mais aprendemos, mais afinados teoricamente ficamos, mais temos o que ensinar às novas gerações. Segunda armadilha: se já sabemos o que ensinar, qual o espaço de criatividade que damos ao aluno? Temos alguma garantia sobre o que, de fato, ensinamos?

A ideia não é nova, basta lembrar Paulo Freire. Todavia, o desejo como o movimento do amante em direção ao preenchimento de uma falta não passível de objetivação pelo amado.

Portanto, a aprendizagem é algo que escapa, que não se pode controlar de fora mas que se pode propiciar no jogo amoroso de buscas recíprocas de atendimento de desejos, também recíprocos, do professor e do aluno em necessária parceria afetiva.

Arrisco concluir que aquilo que produzimos pode, apenas em parte, atender ao aluno. E, naquilo que atende, talvez não possamos nunca precisar em quê. O que sabemos é ponto de partida de nossa oferta, não é a satisfação da demanda daquele que busca conhecer.

Com isso, o saber e a ciência adquirem um papel ainda mais relevante do que tinham em tempos atrás. As concepções de produção do conhecimento sofrem alterações a cada época, pois cada momento histórico tem seus próprios modelos e suas próprias maneiras de ver, agir e sentir, acompanhados de um novo conceito de produção do conhecimento e, conseqüentemente, do que venha a ser válido e reconhecido. O conhecimento está sempre associado à situação transitória de evolução em que se encontram as sociedades em variadas épocas, determinando e sendo pela situação determinado. Para esse trabalho de reflexão sobre a produção de conhecimento na sociedade da informação abordaremos, inicialmente, o processo de construção de conhecimento, o conhecimento científico e a pesquisa em ciências humanas, mais especificamente em educação, contextualizando, em seguida, com a sociedade da informação e as novas discussões emergentes sobre o conhecimento científico.

Com a perspectiva de Walter Benjamin de que “o acontecimento lembrado é sem limites, porque é apenas uma chave para tudo que veio antes e depois”, fizemos essa pequena inserção empírica no sentido de acrescentar outras vozes na interlocução que viemos fazendo. Conscientes dos limites e desafios que precisamos assumir para aprofundamento deste tema, ficou para nós que: “escrever é isso aí: interlocução”.

No artigo **ISABEL O MUERTE!**: **O APOIO DA EXTREMA-DIREITA PERONISTA AO GOVERNO DE MARÍA ESTELA MARTÍNEZ DE PERÓN ATRAVÉS DA REVISTA *EL CAUDILLO* (1973-1975)**, a autora Nádia Cristiane Coelho da Silva Kendzerski, busca investigar procuramos demonstrar como a revista *El Caudillo de la Tercera Posición*, mesmo não se declarando como uma publicação da direita peronista, possuía um discurso pró-Isabel e de aniquilação dos infiltrados e traidores. Seu tom ameaçador através do slogan “*el mejor enemigo es el enemigo muerto*”. No artigo **OS DOIS LADOS DO ESPELHO – PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 E A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE PODER** o autor ou autora CLAUDIA PEIXOTO CABRAL, buscam abordar a relação de dominação e controle, exercida pelo Estado, no contexto histórico dos protestos de junho de 2013, a partir da concepção de construção discursiva em ocorre a criação de uma imagem que instaura uma representação estereotipada discriminatória da ação coletiva e do sujeito manifestante. No artigo **A BELEZA DO TEMPO: NARRATIVAS DO ENVELHECER FEMININO**, os autores Camila Cuencas Funari Mendes e Silva Mariele Rodrigues Correa Leonardo Lemos de Souza buscam analisar o envelhecer feminino na contemporaneidade. A velhice têm sua história e,

esta, é determinada em cada época e em cada cultura de forma diferente. No artigo **A CONSTRUÇÃO CONTÍNUA DO PROCESSO DEMOCRÁTICO E OS DESAFIOS DA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA** o autor Gabriel Pancera Aver buscou-se analisar de forma pormenorizada dois desafios enfrentados pela democracia representativa, a saber, a dificuldade de separar representantes e representados, a formação de uma elite política distanciada das massas e a ruptura do vínculo entre a vontade dos representantes e a dos representados. No artigo **A EDUCAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO DE ACIDENTES DE TRÂNSITO COM A PESSOA IDOSA** a autora Érica Elisa Nickel, apresentou os resultados de pesquisa do programa de educação para o trânsito, direcionada à pessoa idosa, denominado “Boa prosa sobre trânsito” ocorrido em Curitiba, no Paraná, entre 2014 e 2016, realizado por uma organização não governamental. No artigo **A FORMAÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO: REFLEXÃO DA PRÁTICA COM FOCO NO PENSAMENTO COMPLEXO**, as autoras Francisca Janice Silva Ana Paula Fernandes Cunha, objetivo deste é elucidar a necessidade da implantação do pensamento complexo, para o processo de aprendizagem do coordenado pedagógico como formador de professor, na abordagem transdisciplinar. No artigo **A GENÉTICA DA DOENÇA DE ALZHEIMER E OS NOVOS AVANÇOS PARA O DIAGNÓSTICO E TERAPÊUTICA DA PATOLOGIA**. As autoras Andréia de Oliveira Militão e Angela Maria Sales Barros buscam trazer informações relevantes sobre a DA com ênfase à genética e aos novos avanços, coletadas, através de revisão bibliográfica, e anteriormente publicadas em revista científica e anais de congresso, foram reorganizadas e disponibilizadas de forma a facilitar o conhecimento sobre a doença, ao acesso e contribuir com pesquisas voltadas ao entendimento da doença. No artigo **A GESTÃO DO TERRITÓRIO NA REGIONAL ALTO ACRE** a autora Amanda Rebeka Lima de Souza buscou se, no presente trabalho, compreender os modelos de gestão que são usados atualmente na regional do Alto Acre. Avaliar a dinâmica territorial é fundamental para a pesquisa. Para isso, foi necessário o levantamento de documentos, leis e projetos em escala nacional, estadual e municipal. De acordo com os resultados encontrados, as políticas públicas implantadas na regional não atendem a maior parte da população que habita ali. No artigo **A LUTA PELA TERRA E A RECRIAÇÃO CAMPONESA NO ASSENTAMENTO UBÁ- SANTA QUITÉRIA-CEARÁ** as autoras Janaiára Maria de Paiva Ferreira e Sandra Maria Fontenele Magalhães buscam entender o processo de luta dos camponeses pela conquista da terra do assentamento Ubá do município de Santa Quitéria- Ceará, buscando apreender como os camponeses resolveram resistir e lutar contra a dominação dos latifundiários. No artigo **A PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO CONSELHO MUNICIPAL DE POLÍTICA CULTURAL DE CHAPECÓ: POTENCIALIDADES E DESAFIOS**, os autores Everton Gabriel Bortoletti e Laise Ziger buscam identificar os desafios e potencialidades da participação social no Conselho Municipal de Política Cultural de Chapecó (CMPC), tendo em vista suas peculiaridades de atribuições, composição e representação. No artigo **A PRÁTICA DA AGRICULTURA FAMILIAR**

COMO ALTERNATIVA DE PERMANÊNCIA NO CAMPO, os autores Fernanda Penteado, Alison Diego Leajanski, Willian Samuel Santana da Roza buscam pontuar os principais fatores que podem configurar a prática da agricultura familiar enquanto possibilidade de permanência das pessoas no espaço rural, destacando alguns aspectos referentes ao êxodo rural e a sua problemática, assim, apresentar uma discussão teórica e conceitual. No artigo **A SEMIÓTICA NO MUNDO DA MODA: UMA VISÃO PSICANALÍTICA** busca analisar a moda não é somente a escolha do vestuário, mas está ligada a formas culturais de expressão e principalmente de linguagem. É através dela que o sujeito pode demonstrar sua personalidade, seus costumes e representar uma dada forma de ser, atribuindo significados e valores para essa ação. Acredita-se que todos esses significados englobam a semiótica e moda que dentro dessa perspectiva é vista como um produto cultural desses significados. No artigo **A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE DA CONTINUIDADE DO PROCESSO NA PERSPECTIVA LÚDICA**, os autores Isa Stavracas, Ana Lee Claudio, Rebeca Josiane Ferreira da Silva, Sandra Esteves de Camargo, Vanessa Alves Duarte de Oliveira, buscar fazer uma análise da transição vivenciada pelos alunos da educação infantil para o ensino fundamental, a fim de verificar como os níveis de ensino se articulam para dar continuidade aos processos que envolvem o lúdico que se iniciam na educação infantil e devem se formalizar nos anos iniciais do ensino fundamental I – Ciclo de Alfabetização. No artigo **A UATI COMO MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL E OTIMIZAÇÃO DO BEM-ESTAR DA PESSOA IDOSA NA CIDADE DE BRUMADO – BA** os autores Anderson Ribeiro dos Anjos Caroline Malta Santos Almeida, Universidade, Stefani Monique Vasconcelos, Sheila Marta Carregosa Rocha, buscam investigar o seguinte: De que forma o projeto de extensão intitulado “Universidade Aberta a Terceira Idade” desenvolvido pela Universidade do Estado da Bahia pode contribuir com a inclusão social e otimização do bem-estar dos idosos residentes na cidade de Brumado – Ba. No artigo **AVALIAÇÃO DO DECLÍNIO FUNCIONAL EM UMA IDOSA DA COMUNIDADE: RELATO DE CASO**, os autores Helane Santana Cruz e Vínicius Zacarias Maldaner da Silva buscam relatar o caso de uma idosa atendida pela equipe de estratégia saúde da família na cidade de Brasília-Distrito Federal. Método: estudo observacional, do tipo relato de caso, conduzido à uma idosa da comunidade durante a visita domiciliar. Os dados foram coletados por meio do questionário VES-13. No artigo **CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU/SC: UMA EXPERIÊNCIA MULTIPROFISSIONAL DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR**, as autoras Gisele Cristine Zimmer Samagaia e Mara Rúbia Rutzen realizaram uma pesquisa bibliográfica e documental para comparação e discussão com a realidade do Centro de Saúde do Idoso de Blumenau. No artigo **COMO NOS TEMPOS DA “BABA”:** A PRODUÇÃO DE CERVEJA CASEIRA EM IRATI-PR, ENTRE OS SÉCULOS XX E XXI, Matheus Alexandre Razera, Valter Martins analisar diferentes receitas e a prática de preparar cerveja artesanal, descobrir como este saber é aprendido e repassado. Para tanto

utilizamos o método da História Oral e textos teóricos sobre História da Alimentação. No artigo **CONSCIENTIZAÇÃO PARA O CONSUMO ADEQUADO DA ÁGUA: UM TRABALHO COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II**, os autores José Daniel Soler Garves, Andrezza Santos Flores, Cibele Diogo Pagliarini, Ângela Coletto Morales Escolano buscam discutir a importância do uso consciente da água, os motivos dessa escassez, as consequências do uso inadequado e a necessidade de redução do consumo de água. No artigo **CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM INSTRUMENTO MULTIDISCIPLINAR BASEADO NA CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE INCAPACIDADE E SAÚDE (CIF)**, os autores Auristela Duarte Moser, Fernanda Cury Martins Teigão, Kethelyn Contente Alves, buscam Construir um instrumento multidisciplinar de avaliação da funcionalidade em idosos institucionalizados baseado na CIF e validá-lo com especialistas da área. No artigo **DILEMAS DA REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA: VIDA COTIDIANA E SOCIABILIDADE NO LOTEAMENTO NOVO MILÊNIO EM PELOTAS (RS)**, a autora Pamela da Costa Lopes Sales busca apresentar os laços de sociabilidade e as situações de conflito vividos pelos moradores, antes e após a política urbanística de regularização implementada pelo poder público municipal. No artigo **DISCURSOS SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL NO PROGRAMA “PROFISSÃO REPÓRTER”**, os autores Ana Elisa Nardo Caseri e Carmem Lúcia Sussel Mariano buscou-se analisar como o Programa “Profissão Repórter”, da Rede Globo de Televisão, abordou as temáticas associadas à sexualidade infantil e juvenil, para apreender que sentidos estão sendo construídos e os usos que têm sido feitos desses temas pela mídia. No artigo **EDUCAÇÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL: o papel da formação continuada**, os autores Maria Almerinda de Souza Matos, Cátia de Lemos, Claudenilson Pereira Batista buscaram relatar os avanços na educação de uma criança cega a partir da formação continuada para a mãe e a professora. No artigo **ENTRE DOENÇAS, CURAS E BENZEDURAS: O OFÍCIO DAS BENZEDEIRAS EM REBOUÇAS, PARANÁ, NO LIMAR DO SÉC. XXI**, os autores Marcia Scavinski e Valter Martins analisar mudanças e permanências nas práticas e no ofício dessas benzedadeiras ao longo do tempo, compreendendo as suas práticas curativas, investigando a memória dessas mulheres a partir de depoimentos, relacionando com a história da religiosidade popular.

Solange Aparecida de Souza Monteiro

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1	1
“¡ISABEL O MUERTE!”: O APOIO DA EXTREMA-DIREITA PERONISTA AO GOVERNO DE MARÍA ESTELA MARTÍNEZ DE PERÓN ATRAVÉS DA REVISTA <i>EL CAUDILLO</i> (1973-1975)	
Nádia Cristiane Coelho da Silva Kendzerski	
DOI 10.22533/at.ed.7601924041	
CAPÍTULO 2	17
OS DOIS LADOS DO ESPELHO – PROTESTOS DE JUNHO DE 2013 E A CONSTRUÇÃO DO DISCURSO DE PODER	
Claudia Peixoto Cabral	
DOI 10.22533/at.ed.7601924042	
CAPÍTULO 3	35
A BELEZA DO TEMPO: NARRATIVAS DO ENVELHECER FEMININO	
Camila Cuencas Funari Mendes e Silva	
Mariele Rodrigues Correa	
Leonardo Lemos de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.7601924043	
CAPÍTULO 4	47
A CONSTRUÇÃO CONTÍNUA DO PROCESSO DEMOCRÁTICO E OS DESAFIOS DA REPRESENTAÇÃO POLÍTICA	
Gabriel Pancera Aver	
DOI 10.22533/at.ed.7601924044	
CAPÍTULO 5	61
A EDUCAÇÃO COMO ESTRATÉGIA DE PREVENÇÃO DE ACIDENTES DE TRÂNSITO COM A PESSOA IDOSA	
Érica Elisa Nickel	
DOI 10.22533/at.ed.7601924045	
CAPÍTULO 6	69
A FORMAÇÃO DO COORDENADOR PEDAGÓGICO: REFLEXÃO DA PRÁTICA COM FOCO NO PENSAMENTO COMPLEXO	
Francisca Janice Silva	
Ana Paula Fernandes Cunha	
DOI 10.22533/at.ed.7601924046	
CAPÍTULO 7	80
A GENÉTICA DA DOENÇA DE ALZHEIMER E OS NOVOS AVANÇOS PARA O DIAGNÓSTICO E TERAPÊUTICA DA PATOLOGIA	
Andréia de Oliveira Militão	
Angela Maria Sales Barros	
DOI 10.22533/at.ed.7601924047	
CAPÍTULO 8	92
A GESTÃO DO TERRITÓRIO NA REGIONAL ALTO ACRE	
Amanda Rebeka Lima de Souza	
DOI 10.22533/at.ed.7601924048	

CAPÍTULO 9	107
A LUTA PELA TERRA E A RECRIAÇÃO CAMPONESA NO ASSENTAMENTO UBÁ- SANTA QUITÉRIA-CEARÁ	
Janaiára Maria de Paiva Ferreira Sandra Maria Fontenele Magalhães	
DOI 10.22533/at.ed.7601924049	
CAPÍTULO 10	115
A PARTICIPAÇÃO SOCIAL NO CONSELHO MUNICIPAL DE POLÍTICA CULTURAL DE CHAPECÓ: POTENCIALIDADES E DESAFIOS	
Everton Gabriel Bortoletti Laise Ziger	
DOI 10.22533/at.ed.76019240410	
CAPÍTULO 11	122
A PRÁTICA DA AGRICULTURA FAMILIAR COMO ALTERNATIVA DE PERMANÊNCIA NO CAMPO	
Fernanda Penteado Alison Diego Leajanski Willian Samuel Santana da Roza	
DOI 10.22533/at.ed.76019240411	
CAPÍTULO 12	130
A SEMIÓTICA NO MUNDO DA MODA: UMA VISÃO PSICANALÍTICA	
Gabriela Cristina Maximo Evandro Fernandes Alves	
DOI 10.22533/at.ed.76019240412	
CAPÍTULO 13	139
A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: ANÁLISE DA CONTINUIDADE DO PROCESSO NA PERSPECTIVA LÚDICA	
Isa Stavracas Ana Lee Claudio Rebeca Josiane Ferreira da Silva Sandra Esteves de Camargo Vanessa Alves Duarte de Oliveira	
DOI 10.22533/at.ed.76019240413	
CAPÍTULO 14	152
A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: OS RITOS DE PASSAGEM E AS EXPECTATIVAS DAS CRIANÇAS SOBRE O PROCESSO	
Isa Stavracas Fernanda Alexandre dos Santos Loide Giacometti Bervanger Stefani Leite Ribeiro	
DOI 10.22533/at.ed.76019240414	

CAPÍTULO 15	165
A UATI COMO MEIO DE INCLUSÃO SOCIAL E OTIMIZAÇÃO DO BEM-ESTAR DA PESSOA IDOSA NA CIDADE DE BRUMADO – BA	
Anderson Ribeiro dos Anjos Caroline Malta Santos Almeida Stefani Monique Vasconcelos Sheila Marta Carregosa Rocha	
DOI 10.22533/at.ed.76019240415	
CAPÍTULO 16	174
AVALIAÇÃO DO DECLÍNIO FUNCIONAL EM UMA IDOSA DA COMUNIDADE: RELATO DE CASO	
Helane Santana Cruz Vínicius Zacarias Maldaner da Silva	
DOI 10.22533/at.ed.76019240416	
CAPÍTULO 17	182
CENTRO DE SAÚDE DO IDOSO DE BLUMENAU/SC: UMA EXPERIÊNCIA MULTIPROFISSIONAL DE TRABALHO INTERDISCIPLINAR	
Gisele Cristine Zimmer Samagaia Mara Rúbia Rutzen	
DOI 10.22533/at.ed.76019240417	
CAPÍTULO 18	192
COMO NOS TEMPOS DA “BABA”: A PRODUÇÃO DE CERVEJA CASEIRA EM IRATI-PR, ENTRE OS SÉCULOS XX E XXI	
Matheus Alexandre Razera Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.76019240418	
CAPÍTULO 19	207
CONSCIENTIZAÇÃO PARA O CONSUMO ADEQUADO DA ÁGUA: UM TRABALHO COM ALUNOS DO ENSINO FUNDAMENTAL II	
José Daniel Soler Garves Andrezza Santos Flores Cibele Diogo Pagliarini Ângela Coletto Morales Escolano	
DOI 10.22533/at.ed.76019240419	
CAPÍTULO 20	216
CONSTRUÇÃO E VALIDAÇÃO DE UM INSTRUMENTO MULTIDISCIPLINAR BASEADO NA CLASSIFICAÇÃO INTERNACIONAL DE FUNCIONALIDADE INCAPACIDADE E SAÚDE (CIF)	
Auristela Duarte Moser Fernanda Cury Martins Teigão Kethelyn Contente Alves	
DOI 10.22533/at.ed.76019240420	
CAPÍTULO 21	230
DILEMAS DA REGULARIZAÇÃO FUNDIÁRIA: VIDA COTIDIANA E SOCIABILIDADE NO LOTEAMENTO NOVO MILÊNIO EM PELOTAS (RS)	
Pamela da Costa Lopes Sales	
DOI 10.22533/at.ed.76019240421	

CAPÍTULO 22	246
DISCURSOS SOBRE A SEXUALIDADE INFANTIL NO PROGRAMA “PROFISSÃO REPÓRTER”	
Ana Elisa Nardo Caseri	
Carmem Lúcia Sussel Mariano	
DOI 10.22533/at.ed.76019240422	
CAPÍTULO 23	258
EDUCAÇÃO DA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA VISUAL: O PAPEL DA FORMAÇÃO CONTINUADA	
Maria Almerinda de Souza Matos	
Cátia de Lemos	
Claudenilson Pereira Batista	
DOI 10.22533/at.ed.76019240423	
CAPÍTULO 24	270
ENTRE DOENÇAS, CURAS E BENZEDURAS: O OFÍCIO DAS BENZEDEIRAS EM REBOUÇAS, PARANÁ, NO LIMIAR DO SÉC. XXI	
Marcia Scavinski	
Valter Martins	
DOI 10.22533/at.ed.76019240424	
SOBRE A ORGANIZADORA	287

A TRANSIÇÃO DA EDUCAÇÃO INFANTIL PARA O ENSINO FUNDAMENTAL: OS RITOS DE PASSAGEM E AS EXPECTATIVAS DAS CRIANÇAS SOBRE O PROCESSO

Isa Stavrakas

Universidade Nove de Julho
São Paulo – SP

Fernanda Alexandre dos Santos

Universidade Nove de Julho
São Paulo – SP

Loide Giacometti Bervanger

Universidade Nove de Julho
São Paulo – SP

Stefani Leite Ribeiro

Universidade Nove de Julho
São Paulo - SP

RESUMO: Este artigo é parte do Projeto de Pesquisa de Iniciação Científica intitulado “A transição da educação infantil para o ensino fundamental: O que as crianças têm a nos dizer? Uma análise da continuidade do processo”, no qual se analisa a transição vivenciada pelos alunos da educação infantil para o ensino fundamental, a fim de verificar de que forma ocorrem os ritos de passagem e o que as crianças pensam sobre tais mudanças. Partindo do pressuposto que a passagem da educação infantil para o ensino fundamental tem sido marcada por algumas rupturas de significados quanto a necessidade que as crianças têm, principalmente em relação ao brincar, torna-se necessário investigar o que

pensam sobre este momento, uma vez que são protagonistas neste cenário, e como os rituais de passagem contribuem para preparar e incorporar as crianças em um novo ambiente institucional. Pretende-se, então, apresentar o que os teóricos apontam sobre tal questão, discorrendo sobre os rituais e a importância destes no processo que se inicia na educação infantil. Aborda-se como os documentos oficiais trazem em seu bojo a transição de um nível para o outro, além de, recorrer à pesquisa de campo, analisando os ritos de passagem (se ocorrem ou não) nas escolas pesquisadas e quais seriam eles, pois se trata de uma importante categoria de análise.

PALAVRAS-CHAVE: Ritos de passagem – Educação Infantil - Ensino Fundamental

ABSTRACT: This article is part of the Scientific Initiation Research Project titled “The Transition from Pre School to Elementary Education: What do children have to tell us? An analysis of the continuity of the process “, which analyzes the transition experienced by students from pre School to elementary education, to verify how the rites of passage occur and what children think about such changes. Based on the assumption that the transition from pre School to elementary education has been marked by some ruptures of meanings regarding the need that children have, especially in relation to play,

it becomes necessary to investigate what they think about this moment, since they are protagonists in this scenario, and how the rituals of passage contribute to preparing and incorporating children into a new institutional environment.

The intention is, then, to present what the theorists point out about this question, discussing the rituals and their importance in the process that begins in childhood education. It addresses how the official documents bring the transition from one level to another, in addition to resort the field research, analyzing the rites of passage (whether they occur or not) in the researched schools and what would they be, since it's an important category of analysis.

KEYWORDS: Rites of passage - Pre School – Elementary Education

INTRODUÇÃO

O artigo objetiva contribuir para um debate sobre a importância dos ritos de passagem para a criança que viverá a transição da educação infantil para o ensino fundamental e como as escolas de educação infantil os compreendem e valorizam, uma vez que se trata de uma etapa da vida da criança que está sendo concluída e possui um caráter de mudanças na sua formação e na sua vida social.

Inicialmente, o texto se debruça sobre a perspectiva da criança na sociedade, o caráter social que assume e como as leis garantem seus direitos. Em seguida, o texto discorre sobre os ritos de passagem e os resultados obtidos pela pesquisa até o momento.

Faz-se necessário entender que tipo de ritos são realizados pelas escolas, como as crianças são preparadas para enfrentar o novo ciclo e o que elas pensam sobre mudanças tão significativas, a partir de conquistas e transformações ocorridas durante a permanência na educação infantil. Além disso, não se pode esquecer, que todo momento de mudança gera diferentes emoções, por isso, é preciso investigar o que as crianças em fase pré-escolar pensam sobre o momento em que irão para o próximo nível de ensino e quais expectativas possuem a esse respeito para que o novo não se transforme em decepção e frustração.

É sabido que as crianças que estão na educação infantil são as mesmas que vão para o ensino fundamental, mas nem sempre tal caminho, visto como um processo que deva ocorrer em continuidade, dá-se desta forma. Observa-se que, a educação infantil e o ensino fundamental são separados pelos adultos e instituições, promovendo um descompasso naquilo que seria a sequência de um processo. A partir deste contexto é que precisamos ouvir a criança, saber quais são suas expectativas e como se sente em relação as mudanças que estão por vir, pois, não podemos nos esquecer que adentrarão o novo nível de ensino trazendo histórias, saberes e expectativas.

Por conta disso, a família assume também um papel fundamental, pois será ela a oferecer tranquilidade e equilíbrio para a criança, como também apresentará as novas possibilidades em relação ao que futuro que lhe espera. Entretanto, é preciso pensar

sobre como as famílias são orientadas em relação aos rituais ocorridos dentro e fora da escola.

Ao observar a literatura sobre o assunto, verifica-se que vários autores listam a necessidade da utilização dos ritos de passagem, uma vez que ajudam a preparar a criança para enfrentar os novos desafios e compreender e incorporar os desafios que virão. Mas, será que as escolas estão realizando os ritos de passagem? Quais ações são desenvolvidas neste sentido? Como acontecem ao longo do ano? Há clareza sobre o papel dos ritos nesta fase de transição? No que se refere as crianças, elas são ouvidas sobre isso? Há um protagonismo da criança quanto a escuta do que pensam e sentem? Como a escola dialoga com a criança em relação a nova etapa? Suas famílias são preparadas para os enfrentamentos que virão? São orientadas quanto a melhor forma de orientar seus filhos? São muitas as perguntas que urgem por respostas o que exigem que as pesquisas sobre o tema sejam cada vez mais abrangentes para oferecer maior entendimento em relação aos ritos e suas especificidades.

Compreendendo a importância dos estudos sobre os ritos de passagem para a continuidade do processo educativo, o texto parte do pressuposto que os ritos de passagem são necessários nesta etapa escolar, promovem mudanças importantes para as crianças, ajudando-as a entender, elaborar e expressar os sentimentos sobre a nova etapa, contribuindo assim, para uma transição mais fácil e tranquila.

Sob outro aspecto, ao ouvir a criança, permitir-lhe ter voz em relação as novas mudanças, é possível que as escolas promovam ações e intervenções que a ajudem na continuidade dos processos de aprendizagem, além de permitir que as crianças tenham uma visão positiva do processo.

Neste sentido, a pesquisa se debruça sobre tais questões, já obtendo resultados parciais que permitem ao leitor ter um olhar mais apurado sobre o tema, possibilitando levantar um debate sobre o papel das famílias, das escolas de educação infantil e do ensino fundamental neste processo.

A CRIANÇA NA SOCIEDADE

A partir da segunda metade do século XIX e no decorrer do século XX, muitos estudiosos, como o francês Philippe Àries, Friedrich Wilhelm August Fröbel e outros, dedicaram-se a tarefa de estudar a criança, em seus vários campos de conhecimento, uma vez que se tornou fundamental entender o real significado do que é ser criança e o valor social que assume no contexto onde está inserida.

Dessa forma, a criança passou a ser considerada como um sujeito social e produtora de cultura, mas que, nem sempre, é atendida em suas necessidades. Mas, quais necessidades seriam essas? O que, de fato, as crianças querem?

Neste contexto, para entender quais são as necessidades da infância, é preciso olhar o mundo pelas lentes de uma criança, buscando compreender o que lhe faz sentido, o que lhe dá prazer e o que lhe permite aprender. Além das necessidades

básicas de todo ser humano que clama por reconhecimento social, a infância pede pela construção de uma história na qual seja a protagonista e tenha seus direitos garantidos.

São observadas ao longo das últimas décadas, políticas públicas que transformaram a estrutura das escolas, reorganizaram tempos e espaços, além de instituírem programas direcionados as ações que envolvem a formação docente e a alfabetização.

A legislação educacional trouxe a escolaridade obrigatória a partir dos quatro anos, a fim de que todas as crianças fossem atendidas nos seus direitos de acesso e permanência nas instituições de ensino.

A lei nº 9.394/1996 foi a primeira a acenar para uma educação obrigatória de nove anos, iniciando-se aos seis anos de idade. Neste momento, muitas mudanças começam a ocorrer no âmbito escolar, pois segundo o Ministério da Educação (2007, p.6), o ingresso de crianças de seis anos no ensino fundamental “não pode constituir uma medida meramente administrativa. É preciso atenção ao processo de desenvolvimento e aprendizagem delas, o que implica conhecimento e respeito às suas características etárias, sociais, psicológicas e cognitivas”.

A transição da educação infantil para o ensino fundamental, ainda agora, tem sido permeada por fragmentações e rupturas do trabalho pedagógico, principalmente, no que se refere a cultura do brincar, pois muitos profissionais não concebem o ensino fundamental como um processo em continuidade, na ótica que envolve as necessidades do brincar. No sentido contrário está a criança que não entende tal fragmentação, já que suas ações permanecem centradas nos interesses e sentidos que fazia anteriormente.

Observa-se, então, que as articulações na educação básica são necessárias para que se possa evitar essa descontinuidade. O diálogo entre os níveis permite atribuir ressignificados para as práticas pedagógicas, uma vez que oferece a oportunidade de ampliar os conhecimentos acerca de cada nível, fazendo uma justaposição que dê elementos para que a criança seja respeitada em suas especificidades, ao mesmo tempo em que atenda aos objetivos e funções da escola.

De acordo com Corsino, Kramer e Nunes, (2011, p. 82):

Atuar nas transições pode contribuir para criar nas escolas de educação infantil e ensino fundamental espaços para a prosa do dia a dia, onde as narrativas tecidas favoreçam os nexos, os sentidos, as mudanças institucionais e pessoais.

As autoras reafirmam a importância do diálogo entre os níveis de ensino, haja vista, a necessidade de que as ações cotidianas tenham sentido para todos aqueles que atuam com crianças destas faixas etárias. Segundo as Orientações Para Inclusão de Crianças de Seis Anos:

A inclusão de crianças de seis anos no ensino fundamental requer diálogo entre a educação infantil e o ensino fundamental, diálogo institucional e pedagógico, dentro da escola e entre as escolas, com alternativas curriculares claras. (BRASIL,

É mister que ocorram mudanças no cenário educativo atual para que haja uma interação entre a educação infantil e o ensino fundamental, a fim de quebrar a ruptura existente entre os dois níveis de ensino, uma vez que “são indissociáveis: ambos envolvem conhecimentos e afetos: saberes e valores, cuidados e atenção: seriedade e riso”. (BRASIL, 2007, p.20).

Nesta perspectiva é preciso pensar também em como se dará tal transição, pois é um momento de dúvidas, medos e conflitos para a criança. As mudanças exigem um preparo para o novo ambiente institucional.

É neste momento que não se pode perder de vista o papel que os dois níveis assumem na construção do conhecimento da criança. Um bom trabalho iniciado na educação infantil reverberará no ensino fundamental e, para que haja continuidade, será preciso que ambos os níveis dialoguem e busquem o aprimoramento das tarefas.

Por outro lado, também há questionamentos sobre as práticas desenvolvidas no ensino fundamental que urgem por respostas, como por exemplo: Uma vez que crianças de seis anos estão chegando ao ensino fundamental, ocorre um diálogo entre os níveis? Como o ensino fundamental está recebendo as crianças oriundas das escolas de educação infantil? Há um trabalho direcionado para a continuidade das práticas iniciadas na educação infantil? Como ocorre o acolhimento destas crianças que chegam no ensino fundamental? Há um ritual de acolhimento?

Tantas perguntas necessitam de investigação. Investigação está que se dará ao longo da pesquisa, que buscará compreender todos os aspectos que subsidiam o tema e possam traçar o perfil das ações desenvolvidas pela escola em relação a criança pequena que está chegando. Importante lembrar, que este é só um fragmento de todo um trabalho que se inicia aqui, mas não se encerra aqui, devendo ter continuidade em outras pesquisas.

Na sequência, o texto apresenta a ideia de ritos de passagem, como estão presentes na vida da criança dentro e fora da escola e de que forma se apresentam.

O RITOS DE PASSAGEM

Todos os anos, as crianças que estão nas escolas de educação infantil passam pelo momento de mudança, no qual devem ocupar uma vaga no primeiro ano do ensino fundamental. Esta passagem marca uma etapa importante na vida dos pequenos que nem sempre conseguem enfrentá-la sem conflitos ou inquietações.

Tais mudanças acarretam diversos sentimentos, uma vez que entender o processo nem sempre é uma tarefa fácil, já que irão se deparar com algo desconhecido. Muitas vezes as crianças se veem diante de ideias passadas pelos adultos que lhes causam desconforto, como por exemplo, não poder brincar na escola, não ter mais os mesmos amigos, não conhecer os novos espaços, ter professores diferentes. Tudo isso gera

insegurança e a escola de educação infantil, assim como as famílias, assumem um papel importante diante dos novos desafios.

Observa-se, neste momento de transição, que há falta de diálogo entre os níveis de ensino, verbalizando-se em ações que se contrapõem, ou seja, desconsideram não só os trabalhos que já foram desenvolvidos como também os que estão por vir, promovendo uma ruptura de práticas educativas. A criança, neste momento, não tem seu protagonismo respeitado, bem como não tem voz para arguir sobre suas necessidades.

Esta passagem deve ser marcada por ações que contribuam para amenizar o processo, sendo menos traumático para as crianças. É neste momento que os rituais de despedida marcam a passagem de forma positiva, tornando-se um instrumento que auxiliará os pequenos a entenderem que não se trata de uma “perda”, mas sim, de uma nova etapa de conhecimentos e aprendizagens. É interessante que os profissionais tenham conhecimento sobre a relevância desta fase, para que suas ações contribuam para orientar as crianças e suas famílias. Neste sentido, é preciso que haja uma compreensão de todos que estão imbuídos nesta tarefa sobre os ritos de passagem. Mas, o que são “ritos de passagem”? Quais seriam os ritos utilizados nas escolas de educação infantil? Primeiro, faz-se necessário entender o significado de “ritos de passagem”. Segundo a enciclopédia *online* Wikipédia:

Ritos de passagem são celebrações que marcam mudanças de status de uma pessoa no seio de sua comunidade. Os ritos de passagem são realizados de diversas formas, dependendo da situação celebrada; desde rituais místicos ou religiosos até assinatura de papéis. Em todas as sociedades primitivas, determinados momentos na vida de seus membros eram marcados por cerimônias especiais, conhecidas como ritos de iniciação ou ritos de passagem. Essas cerimônias, mais do que representarem uma transição particular para o indivíduo, representavam igualmente a sua progressiva aceitação e participação na sociedade na qual estava inserido, tendo, assim, tanto o cunho individual quanto o coletivo.

Os ritos de passagem auxiliam o ser humano a entender seu lugar dentro de um pequeno grupo, na sociedade e no mundo. Ao se realizar os ritos, o indivíduo passa a ter a sensação de pertencimento, compreendendo melhor o processo de transição e continuidade em relação a mudança de ciclo. Alguns autores trabalham com o conceito de eventos de preparação. Segundo CORSARO e MOLINARI (2005), o conceito de eventos de preparação pode nos auxiliar a pensar a transição entre as duas primeiras etapas da educação básica. Sobre o assunto, contamos com a teoria dos ritos de passagem de Arnold van Gennep (1873-1957). Este antropólogo franco holandês dedicou-se a estudar os rituais, partindo dos dados etnográficos levantados por ele. Denominou tal fenômeno como ritos de passagem e os classificou em três categorias: “ritos de separação”, “ritos de margem” e “ritos de agregação”. A explicação sobre estas categorias pode ser encontrada no livro *“Os ritos de passagem”* (1960), obra na qual o autor explica que cada rito tem finalidades e significados específicos.

Ao se falar dos ritos, busca-se investigar suas consequências para a incorporação

das crianças em um novo ambiente escolar e de que forma os mesmos as auxiliaram neste processo. Por isso, faz-se necessário analisar como as escolas de educação infantil estão lidando com esta questão.

Atualmente, muitos ritos existem apenas para cumprir papéis sociais, sem aprofundamento do seu real significado. Isso acarreta um descomprometimento com valores sociais importantes, que ocupam uma função primordial na construção da sociedade. É importante compreender que os ritos têm uma função simbólica importante na vida do ser humano, uma vez que irá prepará-lo para as novas etapas da vida, permitindo que se saiba onde está e para onde vai, numa construção individual e coletiva dentro dos grupos sociais.

Os ritos podem acontecer em diferentes momentos da vida do indivíduo, desde o seu nascimento até a sua morte. Justamente por isso, são simbólicos, representando etapas importantes que ocorrem ao longo da vida, indicando mudanças e recomeços ou ainda reafirmando ações culturais. Todos os ritos estão diretamente ligados a transformações que ocorrem em vários aspectos, sejam eles físicos, culturais ou sociais, definindo de alguma forma o que seremos daquele momento em diante.

Inúmeros ritos podem ser citados, como o nascimento, o batismo, a passagem de um nível de ensino para outro, a primeira menstruação, a festa de debutante, a menopausa, o casamento, a separação de casais, a morte, etc. Os rituais aparecem em todas as culturas, principalmente no que se refere a questões religiosas, sendo alguns um tanto diferentes e pouco compreendidos por outros povos.

No que se refere a cultura infantil, figuras míticas sempre foram utilizadas para facilitar a compreensão em relação a vários aspectos sociais e algumas delas utilizam rituais para serem introduzidas. A Fada do Dente, por exemplo, é uma figura mítica que é inserida na vida da criança por meio de um ritual. Inclusive, há inúmeras culturas que realizam um rito para a perda dos dentes de leite. De acordo com Clark (1995, p.10) “a Fada do Dente é essencialmente uma personagem ocidental, tendo evoluído no processo de consolidação cultural dos Estados Unidos” (*apud* Corsaro, 2011, p.143). Corsaro (2011, p.143) afirma que “o ritual em torno da Fada do Dente envolve um rito de passagem. Em um sentido tradicional, é uma recompensa pela dor física e pela angústia mental que pode acompanhar a perda dos dentes de leite.” A Fada do Dente trocaria o dente por dinheiro, como uma gratificação pela coragem da criança.

É muito comum ouvirmos relatos de crianças que guardaram embaixo do travesseiro o dente que caiu na espera pela Fada do Dente ou, então, tenha jogado no telhado, conforme orientação dos pais. Há ainda aqueles que guardam dentro de uma bolsa ou recipiente na expectativa da troca pelo dinheiro. Muitas vezes a queda dos dentes coincide com a entrada na escola, conforme explica Corsaro:

A perda de dentes e o ritual da Fada do Dente coincidem com outra mudança importante na vida da infantil – o ingresso na educação formal no jardim de infância ou nas séries iniciais. As crianças estão agora profundamente incorporadas em uma cultura inicial de pares e estão se tornando conscientes de sua passagem durante os próximos anos para a infância intermediária e a pré-adolescência. (2011, p.143)

Qualquer tipo de rito impõe uma sequência de ações ou padrões que permitem a esse grupo um entendimento e sensação de pertencimento, por isso se tornou um dos conceitos mais estudados pela antropologia.

Existem diferentes tipos de ritos de passagem que podem ser utilizados nas escolas de educação infantil. O mais comum é a formatura, que envolve, muitas vezes, fotografias dos alunos com beca, canudo, juramento, etc. Outros ritos também contribuem para este processo de transição, como por exemplo, a visitação dos alunos a escolas próximas, a roda de conversa, a reunião com as famílias, o portfólio, a filmagem ao longo do ano para registrar os momentos da criança na escola, o álbum de fotografias, etc. A visitação que ocorre nas escolas próximas dá-se normalmente pelas escolas particulares. Em relação as escolas públicas, o que se verifica é que já há um conhecimento das famílias sobre a possibilidade de a criança ir para uma escola ou outra. Isso dependerá do endereço e da proximidade da escola em relação ao mesmo. Sendo assim, as próprias crianças já começam a apontar para quais escolas poderão ir, em decorrência, do que lhes é informado.

Observa-se que o diálogo com as crianças sobre a mudança começa a se intensificar no meio do ano e vai ganhando proporções maiores no final. Evidencia-se que não há uma data específica para isso acontecer, depende da escola, da família e de como esta tarefa é conduzida pelos mesmos.

Neste íterim é fulcral que haja uma articulação entre as etapas e um olhar diferenciado dos profissionais que atendem esses educandos, preparando-os e estimulando-os para a nova fase, buscando evitar rupturas no processo, que causará traumas, medos, angústias e até mesmo a rejeição ao que virá. Vejamos agora o que foi levantado pela pesquisa sobre o assunto.

OS RESULTADOS PARCIAIS DA PESQUISA

A primeira etapa da pesquisa recaiu sobre o tipo de metodologia a ser utilizada.

Faz-se necessário observar que está crescendo o reconhecimento de que todo conjunto de dados quantitativo ou qualitativo opera em um contexto social e é afetado, em alguma extensão, pelas percepções e crenças dos investigadores e coletores de dados. Nesse sentido, a definição sobre a metodologia a ser utilizada estará pautada em outros elementos, além da suposta objetividade dos fatos.

Partindo desses pressupostos, recorreremos, primeiramente, à pesquisa teórico bibliográfica, analisando aspectos que envolvem os ritos de passagem desenvolvidos na educação infantil para o primeiro ano do ensino fundamental e as Leis que apontam sobre tal questão. Na sequência, realizou-se parte da pesquisa de campo, cuja investigação teve como proposta a organização e sistematização dos dados coletados nas escolas, a saber: observação estruturada dos documentos relativos aos ritos de passagem que ocorrem na educação infantil, bem como entrevistas semiestruturadas

com profissionais que atuam nas escolas. Foi selecionado um grupo de escolas a fim de verificar quantas realizam os ritos de passagem, quais são eles e em que momento se inicia o processo de informar às crianças que deixarão a pré-escola.

Foi possível adentrar um total de 64 escolas para realizar a pesquisa, conforme aponta o gráfico abaixo, sendo 59% pertencentes ao ensino público, e 41% pertencentes ao ensino privado. É mister informar que houve resistência de algumas escolas em fornecer informações para a pesquisa, principalmente, as escolas particulares. A ideia inicial é que fossem pesquisadas a mesma quantidade de escolas públicas e particulares, mas isso não ocorreu, pois as particulares alegaram, principalmente, a falta de tempo para atendimento das pesquisadoras.

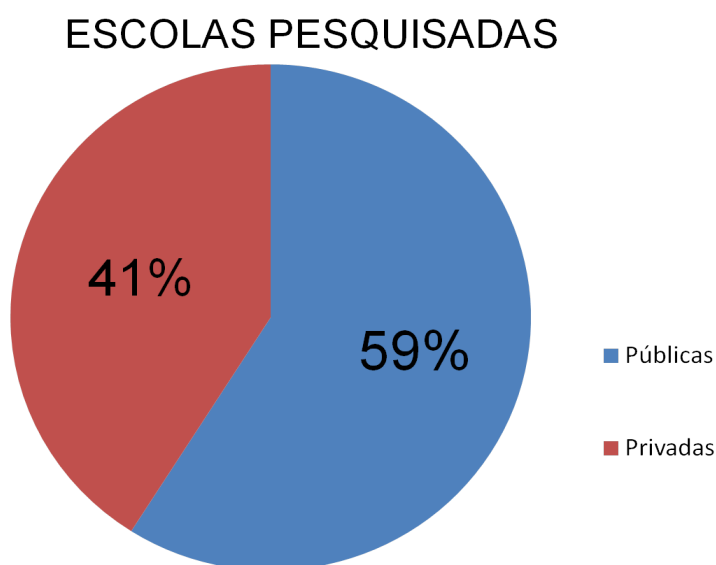


GRÁFICO 1 – ESCOLAS PESQUISADAS

Observa-se, então, que do total de 64 escolas pesquisadas, 34 escolas não realizam os ritos de passagem, enquanto 30 escolas realizam em multiformas conforme é possível observar no gráfico:

RITOS DE PASSAGEM

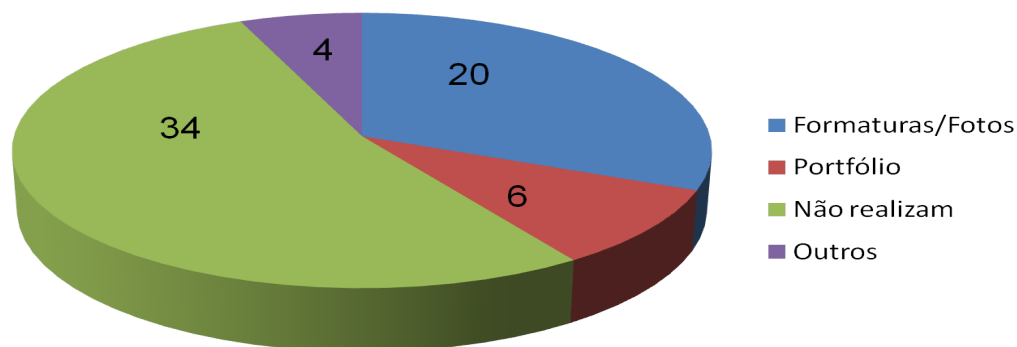


GRÁFICO 2 – RITOS DE PASSAGEM

A partir dos dados coletados foi possível identificar que o número de escolas que não realizam os ritos de passagem são maiores em relação as que realizam. Tal fato, evidencia que as escolas estão deixando de realizar os ritos, não compreendendo o quão são importantes nessa transição. Talvez isso ocorra porque muitas escolas entendam que somente as formaturas e festas representem os ritos de passagem, por isso, é fundamental que a pesquisa investigue tal questão. Na conversa realizada com as pesquisadoras, alguns profissionais das escolas que forneceram as informações, compreendiam que os ritos se referiam apenas a tais eventos, não tendo a clareza que outras ações também envolvem o preparo das crianças para a nova etapa.

Segundo as pesquisas realizadas nas escolas que realizam os ritos, os mais utilizados são as formaturas, portfólios e foto dos alunos vestidos com beca e foto com a turma. Os outros ritos, conforme aponta o gráfico, apenas 4%, aparecem na pesquisa. O que é um número muito pequeno para ações importantíssimas na vida das crianças e das famílias. O que demandaria um trabalho que seria realizado ao longo do ano e não só no final. Seriam eles: visitação em escolas, reunião com as famílias, roda de conversa, cerim nias de despedidas, etc. As cerim nias são como etapas de uma fase que se deseja marcar, conforme discorre Roberto DaMatta:

O rito igualmente sugere e insinua a esperança de todos os homens na sua inesgotável vontade de passar e ficar, de esconder e mostrar, de controlar e libertar, nesta constante transforma o do mundo e de si mesmo que está inserida no verbo viver em sociedade. (*apud* GENNEP, 2011, p.10)

Importante lembrar que a pesquisa citada neste artigo encontra-se em andamento, portanto, vários elementos citados ao longo do texto ainda serão investigados na perspectiva que se tenha um mapeamento das a o es que envolvem os ritos de passagem. É fundamental que haja cada vez mais pesquisas sobre o assunto, para

que possam subsidiar o trabalho dentro das escolas e fornecer explicações para todos que participam do processo sobre a relevância dos ritos na vida das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os ritos de passagem estão presentes na história da humanidade desde os tempos mais antigos.

Foram utilizados por diferentes culturas, sendo considerados fundamentais na formação do ser humano, já que envolve a construção da sua identidade, a aceitação em novos grupos ou, ainda, outras formas de agir. Ao longo da história os ritos de passagem contribuíram para promover a integração do indivíduo na sociedade, preparando-o para as mudanças e incorporando o novo a partir de ideias, costumes, sentimentos e condutas sociais.

No caso das crianças que estão passando pela transição da educação infantil para o ensino fundamental, os ritos representam mais que um caminho para o entendimento sobre as mudanças, é um elemento que possibilita prepará-las para a nova etapa, oferecendo-lhes maior suporte para os enfrentamentos que virão, o que contribui para a sua formação integral e construção da sua identidade. É por isso que várias escolas têm em seus planejamentos a presença de diferentes ações que buscam auxiliar os pequenos neste processo. Algumas escolas iniciam este trabalho já no meio do ano, preparando a criança e a família para a nova etapa. Neste sentido, vários eventos são organizados buscando atender aos anseios e necessidades dos mesmos. Entretanto, ainda falta clareza quanto a importância dos ritos de passagem, conforme foi apontado na pesquisa citada neste artigo, já que é grande o número de escolas que não os realizam.

Outra questão que merece especial atenção são os tipos de rituais mais utilizados pelas escolas. A pesquisa apontou que as ações que envolvem cerimônias, festas, fotos são mais utilizadas em detrimento a outras que envolvem visitas em escolas, rodas de conversa, etc. Isso demonstra que ainda é necessário uma abordagem mais precisa sobre como os ritos devem ser discutidos e trabalhados no contexto educativo.

Outros elementos da pesquisa são igualmente relevantes, como por exemplo, o que apontam os documentos oficiais sobre a questão da transição. Percebe-se que há um descompasso entre o que dizem as leis e o que ocorre na prática, pois, ainda que haja um consenso sobre a necessidade de diálogo entre os níveis, as crianças são vistas com fragmentação, como se a infância tivesse que ser deixada para trás neste processo. Fica evidente que falta a continuidade de interações que envolvam a brincadeira e a alfabetização.

As práticas que conduzem os ritos de passagem nas esferas do conhecimento, dando-lhes significados, representam para a criança a oportunidade de ampliar sua capacidade de articular os processos perceptivos e cognitivos neles presentes,

relacionando-os para se comunicar e interagir com os outros e trazendo-lhe condições para compreender as transformações que se fomentam em cada nova etapa.

Neste sentido, um dos pontos principais da pesquisa recai sobre as ações que, segundo os autores, devem estar presentes nas pré-escolas e fazem da criança, da família e da escola elementos em permanente interação durante o processo de transição para o ensino fundamental. Quando os ritos de passagem são percebidos por todos os envolvidos no processo como elementos que favorecem a articulação entre as etapas, as ações mais comuns realizadas no dia a dia transformam-se em vivências capazes de estimular de forma positiva a transição.

Garantir a presença dos ritos de passagem nas escolas de educação infantil e, por conseguinte, assegurando ações que envolvam outras atividades, além da formatura, não é suficiente para fomentar a prática no contexto escolar, mas é o começo para a reconstrução da sua identidade dentro das instituições de ensino. É preciso que ocorra uma conscientização coletiva de todas as esferas educativas sobre sua importância no campo da educação, fazendo com que seja devidamente tratada como o respeito que merece. As várias questões apresentadas nesta pesquisa representam, a um só tempo, o objetivo e o conteúdo deste trabalho, que busca entender o papel que os ritos de passagem ocupam na educação pré-escolar.

Compreendendo também a importância dos estudos sobre os ritos de passagem para a continuidade do processo educativo, o texto pressupõe que os ritos de passagem são necessários nesta etapa escolar, promovem mudanças importantes para as crianças, ajudando-as a entender, elaborar e expressar os sentimentos sobre a nova etapa, contribuindo assim, para uma transição mais fácil e tranquila.

Sob outro aspecto, ao ouvir a criança, permitir-lhe ter voz em relação as novas mudanças, é possível que as escolas promovam ações e intervenções que a ajudem na continuidade dos processos de aprendizagem, além de permitir que as crianças tenham uma visão positiva do processo.

REFERÊNCIAS

ARIÈS, P. **História social da infância e da família**. Tradução: D. Flaksman. Rio de Janeiro: LCT, 1978.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil**. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília. MEC/EF, 1998.

BRASIL. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996.

BRASIL. **Lei nº 11.114/05, de 16 de maio de 2005**. Altera os artigos. 6o, 30, 32 e 87 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, com o objetivo de tornar obrigatório o início do ensino fundamental aos seis anos de idade. 2005. BRASIL. Lei nº 11.274/06, de 06 de fevereiro de 2006. Altera a redação dos artigos. 29, 30, 32 e 87 da Lei no 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, dispondo sobre a duração de 9 (nove) anos para o ensino fundamental, com matrícula obrigatória a partir dos 6 (seis) anos de idade. 2006. BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CEB/ CNE nº 01/99, de 07 de abril de 1999. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União. Brasília, DF. 1999. BRASIL. Ministério da Educação.

Resolução CEB/CNE nº 05/09, de 18 de dezembro de 2009. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil. Diário Oficial da União. Brasília, DF. 2009. BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB nº 02/98, de 07 de abril de 1998. Institui as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental. Diário Oficial da União. Brasília. 1998. BRASIL. Ministério da Educação. Resolução CNE/CEB nº 07/2010, de 15 de dezembro de 2010. Fixa as Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental de nove anos. Diário Oficial da União. Brasília, DF. 2010.

DAMATTA, Roberto. Carnavais, malandros e heróis: para uma sociologia do dilema brasileiro. 6. ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1997.

CORSARO, W. A. Sociologia da infância. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CORSARO, W.; MOLINARI, L. I **Compagni: understanding children's transition from preschool to elementary school.** New York: Teachers College Press, 2005.

GENNEP, A. V. Rites of passage. Chicago: The University of Chicago Press. 1960.

KRAMER S., NUNES M. F. R. **Infância e crianças de 6 anos: desafios das transições na educação infantil e no ensino fundamental.** Educação e Pesquisa, São Paulo, v.37, n.1, 220p. 69-85, jan./abr. 2011.

SÃO PAULO (SP). Secretaria Municipal de Educação. Diretoria de Orientação Técnica. **Orientações curriculares: expectativas de aprendizagens e orientações didáticas para Educação Infantil /** Secretaria Municipal de Educação – São Paulo: SME / DOT, 2007.p.152

https://pt.wikipedia.org/wiki/Rito_de_passagem

SOBRE A ORGANIZADORA

SOLANGE APARECIDA DE SOUZA MONTEIRO Mestra em Processos de Ensino, Gestão e Inovação pela Universidade de Araraquara - UNIARA (2018). Possui graduação em Pedagogia pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1989). Possui Especialização em Metodologia do Ensino pela Faculdade de Educação, Ciências e Letras Urubupunga (1992). Trabalha como pedagoga do Instituto Federal de São Paulo campus São Carlos (IFSP/ Câmpus Araraquara-SP). Participa dos núcleos: -Núcleo de Gêneros e Sexualidade do IFSP (NUGS); -Núcleo de Apoio às Pessoas com Necessidades Educacionais Específicas (NAPNE). Desenvolve sua pesquisa acadêmica na área de Educação, Sexualidade e em História e Cultura Africana, Afrobrasileira e Indígena e/ou Relações Étnico-racial.

Agência Brasileira do ISBN
ISBN 978-85-7247-276-0



9 788572 472760